

A REEDUCAÇÃO DE JOVENS DEPENDENTES EM COMUNIDADES TERAPÊUTICAS¹

Angela Viana Machado FERNANDES²

RESUMO: Falar sobre os jovens trabalhadores nas comunidades terapêuticas envolve uma larga experiência e reflexões teóricas. As concepções sobre adicção vêm mudando com base nos padrões de consumo de drogas e dos abusos praticados.

PALAVRAS-CHAVE: Jovens. Trabalho comunitário terapêutico. Drogas. Abuso.

ABSTRACT: *To talk about young workers inside therapies community involves a large empirical experience and theoretical reflections. Conceptions about addiction are changing, based on drugs consumer patterns and abuses.*

KEYWORDS: *Youth. Therapeutic community work. Drugs. Abuse.*

Primeiro, eu quero agradecer ao professor Augusto, pois já faz um tempo que nós estamos “trocando figurinhas” e nós sempre agendamos alguma atividade juntos, mas nunca dá certo. Um tempo, eu saí para estudar, depois ele saiu e nós não temos conseguido nos organizar. A minha área sempre foi a educação e eu fui caminhando nos últimos dez anos, na minha trajetória intelectual, que começou até por questões pessoais, a tentar entender um pouco esse processo que é o do lado de cá, o do consumidor da droga.

Quando o Augusto me convidou para expor a questão dentro da categoria trabalho, a minha proposta seria a de falar sobre os trabalhadores das comunidades terapêuticas. Eu tenho realizado, já há algum tempo, estudos envolvendo algumas publicações na área. A partir disso, é claro que o meu olhar para a questão do “drogado” mudou um pouco, até na compreensão das relações que começam a ser consequência do consumo da droga e do consumo abusivo.

Através dos estudos sobre a antiga FEBEM, enfim, dos meninos da classe social que não têm como ir para uma comunidade terapêutica, nós temos uma história boa para pensar (embora eu não tenha, ainda, um trabalho escrito a esse respeito) sobre quais são as características desses jovens que estão “do lado de cá”. Eu gostaria, portanto, de falar um pouco sobre esse processo das comunidades terapêuticas, que

¹ Palestra realizada em 04 de Setembro de 2008, na UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara – SP – Brasil. Seminário promovido pelo Grupo Temático Segurança Urbana e Juventude, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

² Professora Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Educação, Juventude e Políticas Públicas. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras – Departamento de Ciências da Educação. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 – angela@fclar.unesp.br.

começam a surgir no Brasil no final dos anos de 1970, reproduzindo um movimento americano de colocar os jovens de classe média e média-alta dentro de um local, em que eles pudessem se tratar para resolver o problema da família. Isso porque, considera-se, comumente, uma vergonha para a família ter alguém dependente de droga, embora a questão do alcoolismo esteja presente em toda “boa família”. Mas, não se fala muito nisso.

Esse processo foi interessante por dois motivos: por eu viver intensamente esse momento, de olhar esses meninos que chegam às comunidades terapêuticas, em que condições eles chegam e como é que eles vão, ao longo de sua história, se institucionalizando, dentro da comunidade terapêutica.

Como esse movimento começou no final dos anos de 1970, o modelo que nós tínhamos até então era o modelo punitivo, de repressão, para que o jovem pudesse se readaptar e ver o quanto seria ruim se ele voltasse ao mundo da droga. As comunidades terapêuticas tinham, então, dois modelos: o da clínica, que enchia os jovens de medicamentos, para que eles pudessem dormir um tempo, para que eles ficassem “bonzinhos”, “babando” e o modelo que surge no final daquela década, que é o da comunidade terapêutica, que tinha a característica do trabalho dentro dessa comunidade.

A reeducação, nessa última experiência, se dá através do trabalho dentro da colheita, da plantação, do cuidado de animais, das fazendas. Em geral essas comunidades são constituídas em fazendas ou em sítios. Elas são montadas por ONGs, e, hoje há algumas parcerias com prefeituras. Mas, até então, elas eram basicamente ONGs, que tem características distintas: algumas ligadas à igreja católica, outras ligadas à igreja evangélica, outras que não tem essa questão clara, mas todas elas tem como característica o fato de que o jovem que entra lá, tem que trabalhar três questões: uma, é a conscientização de que ele não pode nunca mais usar droga, porque ele é um dependente. Outra, é que existe um poder superior e que, portanto, ele tem que se apegar a uma religião, que é passada na própria comunidade. A última, que ele deve estar com a mente sempre ocupada e, portanto, envolvido com trabalho, naquela idéia que temos visto no trabalho da família como os jovens da ex-FEBEM, que já estão institucionalizados.

Tem isso na fala deles: ‘ah, eu não posso ficar sem fazer nada, porque se não a minha cabeça vai ferver e eu posso fazer bobagem, posso aprontar; ah não, é melhor eu não ficar sem fazer nada’. E o que nós observamos a partir dos anos 80, do século passado é um crescimento absurdo das comunidades terapêuticas e, é claro, que com diferentes matizes. Algumas tinham como um primeiro movimento ganhar dinheiro; apresentavam comunidades com piscina, quadra de tênis, etc., para um grupo específico – caríssima. Outras comunidades surgem para atender uma demanda da classe média,

que não tinha tanto dinheiro para pagar aquelas outras comunidades. Com o passar do tempo, nos últimos dez anos, nós vemos que, com parcerias entre o município e as comunidades surgem demandas diferenciadas, pois há jovens que são encaminhados pela Assistência Social da cidade, para serem tratados. E existe toda uma discussão a respeito do menino que roubava o som do carro, que ao invés de ser colocado, de acordo com a condição social dela, num programa de liberdade assistida, vai para a comunidade terapêutica, que pode ser considerada, também, como uma medida para que ele não volte a roubar.

Bem, mas o que acontece com os jovens que vão para lá? Existe um trabalho muito forte e ideológico, inclusive, de mostrar para aqueles jovens quanto mal eles fizeram para a família, para a sociedade e, por conta dessa culpabilização, que as próprias ONGs acabam incutindo, esses jovens são cooptados para trabalharem dentro dessas comunidades. Essa cooptação, em geral – e eu não sei nem se é possível chamar de trabalho, isso que os meninos fazem dentro das comunidades – é feita por um esquema disciplinar fortíssimo, mais ou menos como no exército, em que se tem horário para acordar, toca o sino, a cama tem que estar arrumada muito rápido; em alguns lugares o coordenador deixa cair uma moeda para ver se o lençol está bem esticado e, isso eu vi acontecer: se não estiver bem esticado ele arranca toda a roupa de cama e manda o menino refazer quantas vezes forem necessárias, para que a moeda, ao cair, pule, indicando que o lençol está bem esticado, como naqueles filmes norte-americanos. Esse é o menino que está internado durante um tempo e isso pode variar entre quatro meses, seis meses, nove meses, dependendo da comunidade terapêutica.

É claro que se institucionaliza, ali, esse regime disciplinar, extremamente autoritário. E os meninos, que no futuro se tornam monitores, que também são cooptados e, num primeiro momento, não recebem nada pelo trabalho que desenvolvem serão eles que vão ‘espionar’ os outros, que vão ver se entra droga ou não. São aqueles que vão fazer o trabalho que o coordenador manda que se faça lá dentro. Quando se fala nessa relação de pertencimento, é nesse momento que eles se sentem como pertencentes a algum grupo, comunidade, pois hierarquicamente, eles já passaram pelo processo e, agora, eles podem mandar lá dentro e sempre como algoz.

É muito difícil vermos um dependente químico (é claro que existem) que já passou pelo processo todo de internação e que tenha uma relação mais amorosa com aquele menino que está lá dentro fazendo todo o trabalho de desintoxicação. O que acontece é que, quando o jovem começa a trabalhar dentro de uma comunidade terapêutica, ele trabalha como voluntário e a isso eles dão ‘graças a Deus’, dizem: “que bom que eu tenho um local de trabalho”, porque nesse momento, eles têm clareza do estigma do drogado: **uma vez drogado sempre drogado**. Isso é ouvido o tempo inteiro, e não adianta o jovem sair e chegar à sociedade, pois todo o mundo sabe que

ele usou drogas, que ele não consegue trabalho e que não consegue uma série de coisas que o incluem, de certa forma, dentro da sociedade novamente.

Essa reinserção social, que é um nó muito complicado em todas as classes sociais (é claro que não nas classes mais altas porque, em geral, se pode trabalhar com os pais, diferente das classes médias e média-baixa, dentro das quais são os que mais sofrem discriminação), enfim, esse menino vai trabalhar em uma comunidade terapêutica, trabalha, na maior parte das vezes, um ano sem receber um salário e, ali, por tudo que lhe foi passado, ele se sente de certa forma protegido. Como ele é culpabilizado pela adicção, ou pela dependência química, ele se sente protegido dele mesmo. O momento que ele está ali dentro é o momento em que ele fica 'limpo', tanto que as maiores comunidades terapêuticas que eu conheço são coordenadas por dependentes químicos em recuperação e aquele é o local que eles encontram para trabalhar e para, de certa forma ficarem 'fechados' e não terem a possibilidade de recair à droga.

O processo seguinte vem depois de um ano de trabalho voluntário, quando ele passa a ser monitor e recebe um salário mínimo, e isso para ele é 'bárbaro'. Nessa altura, ele já não fuma mais, não bebe, não transa, etc. Esse dinheiro é contado para ele comprar uma bolacha doce, um chocolate e, assim, ele consegue sublimar esta dificuldade de estar vivendo lá dentro. Nesse momento, ele começa a agir, impondo o regime disciplinar que ele sofreu. Ele e outros repetem o mesmo padrão de comportamento, de quem estava acima deles, no momento em que eles estavam em tratamento.

É claro que existem comunidades terapêuticas que fazem um trabalho com esses jovens, no sentido de incentivar os estudos, em geral. Muitos deles vão fazer psicologia para poderem entender seus próprios processos e os da família e procurar os nós, onde parou, onde começou... para não culpar a família e se responsabilizar pelo fato de ter se envolvido com drogas. A maior parte dos jovens começa a estudar. Quando a comunidade permite, eles vão fazer psicologia. Esse é um dado bem interessante.

Dessa forma, esse jovem acaba criando um laço muito forte com a instituição, o que faz com que mude a sua dependência, pois, o lugar em que ele se sente forte, é dentro da comunidade terapêutica. Ele muitas vezes vai passando de comunidade em comunidade, pois existe, no Brasil, a Federação Brasileira de Comunidades Terapêuticas, que dá cursos para os jovens.

Existem, também, alguns outros jovens que vão fazer trabalhos fora das comunidades terapêuticas. Algumas prefeituras, como por exemplo, a de Campinas e a de São Paulo têm programas nos quais os meninos vão trabalhar com redução de danos. Esses meninos são pagos pela Prefeitura ou pelo sistema de saúde para irem receber os meninos, em locais tidos como pontos, aos quais eles vão para tomar banho, para comer sopa e, aqueles que já passaram pelo processo e estão em recuperação serão os

trabalhadores que vão resgatar, com um olhar ‘bem salvador’ mesmo, os outros meninos que ainda não conseguiram sair da droga.

Eu tive a possibilidade de ver os dois lados e é claro que tem um momento em que você toma partido. Mas, o que eu acho importante colocar aqui, pois aconteceu em Araraquara (embora eu não seja de Araraquara, moro aqui já há algum tempo) é que, quando a primeira comunidade terapêutica ou a segunda foi fundada, aqui em Araraquara, o prefeito doou o terreno, que era exatamente colado na então FEBEM, que por sua vez, é próxima do hospital psiquiátrico; todos ao lado da estrada (fora do perímetro urbano) para não ter maior contato urbano. Eu me lembro, até, da fala do prefeito na época: ‘não tem problema, se ele não entrar aqui ele entra ali, ou então pode só pular o muro’.

Essa é uma questão importante e séria, porque o menino que está dentro da FEBEM fica institucionalizado e, muitas vezes quando ele sai de lá ele recai numa atitude que o leva de volta, até porque, lá, ele se sente pertencendo a um grupo. E o menino que usa droga, muitas vezes por se achar parecido com o traficante sabe quais são as consequências: que ele pode morrer de overdose e, enfim, eles enfrentam muitas coisas, vão para a “boca”. Muitas vezes são os “aviões”, para poder consumir a droga. Eu também já conheci rapazes que viajaram com a droga no estômago para tentar conseguir uma quantia de dinheiro para consumir, ou então trocar o seu trabalho pelo consumo das drogas.

O que eu acho importante a respeito disso é tentar perceber como é que nós, enquanto sociedade criamos guetos, como se eles não fizessem parte da nossa vida e da nossa sociedade. É muito mais fácil eu colocar o dependente químico na comunidade terapêutica, eu acusar o menino do tráfico por ele ser “folgado”, do que dizer para ele ir trabalhar ao invés de vender droga. E é importante ressaltar a repercussão que isso tem no nosso cotidiano, o que a Marisa já colocou. As escolas, em geral, não o aceitam, por saberem do histórico do menino, já o excluindo se ele for dependente de droga, chamando a polícia, às vezes, sem nem contatar o conselho tutelar, para retirar o aluno da escola.

A escola seria, hoje, o último lugar para onde esses meninos querem ir, por não oferecer nada de gratificante para ele e, além disso, só reforçam cada vez mais o estigma. Isso deve ser pensado por nós enquanto educadores, sociólogos: que tipo de trabalho nós temos que desenvolver, para ver essas nuances na relação entre o trabalhador do tráfico e no outro, que são as pontas de uma mesma linha, de um mesmo fio. Como nós podemos discutir isso aqui, até porque, quer queiram, quer não, é muito difícil para as famílias do jovem dependente químico, do “drogado”. Há um nó que as pessoas não assumem, o que acaba tornando a situação muito pior, pois as mortes acontecem e, então, as pessoas não sabem como lidar com essa situação.

Não que a comunidade não os defenda. A comunidade terapêutica, para alguns resolve mesmo e os familiares que têm dependentes químicos acham que é essa a saída. Mas existe essa coisa do perceber o quanto o jovem que passa a trabalhar lá, fica institucionalizado, como se tivessem feito uma lobotomia nele e, o mundo, ou a alegria de viver deixa de existir, no sentido de poder fazer coisas boas, pois tudo remete ao uso da droga. Então, ele vê a droga da televisão e a droga do tênis de marca, drogas que continuam sendo elementos consumíveis, dentre as outras drogas. Fico por aqui. Muito obrigada.